

## Encontros na análise de discurso



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ÁBREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Organização

*Guilherme Adorno, Helson Flávio da Silva Sobrinho,*

*Juliana da Silveira, Luciana Nogueira,*

*Luís Fernando Bulhões, Maurício Beck,*

*Phellipe Marcel e Rodrigo Oliveira Fonseca*

# Encontros na análise de discurso

EFEITOS DE SENTIDOS  
ENTRE CONTINENTES

EDITORIA  
UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

En17            Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes / organização: Guilherme Adorno de Oliveira e Luciana Nogueira *et al.* – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Pêcheux, Michel, 1938-1983. 2. Análise do discurso. 3. Linguística. 4. Materialismo histórico. 5. Psicanálise. I. Oliveira, Guilherme Adorno de. II. Nogueira, Luciana. III. Título.

CDD – 401.41  
– 410  
– 335.4119  
– 150.195

ISBN 978-85-268-1482-0

---

Copyright © 2019 by Guilherme Adorno de Oliveira e Luciana Nogueira *et al.*

Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

# Sumário

<i>Apresentação do coletivo</i> .....	7
NOTA PRÉVIA – <i>Discurso e contradições de um passado-presente-futuro: Ousar se revoltar, ousar pensar por si mesmo</i> .....	11

## ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

1 – Entrevista com <i>Eni Orlandi</i> : “ <i>Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar</i> ” .....	21
2 – Entrevista com <i>Roselis Batista</i> : “ <i>Eu ia procurar o que tinha de Pêcheux na União Soviética</i> ” .....	91
3 – Depoimento de <i>Julieta Haidar</i> : “ <i>É o caráter polêmico e crítico de suas posições que gera as exclusões e as controvérsias</i> ” .....	105
4 – Entrevista com <i>Francine Mazière</i> : “ <i>Pêcheux sempre trabalhou com andaimes</i> ” .....	121
5 – Entrevista com <i>Régine Robin</i> : “ <i>Uma crítica da História, uma vontade de saber como os linguistas que se interessam pelo discurso trabalham</i> ” .....	139

6 – Entrevista com <i>Jacques Guilhaumou</i> : <i>Um trajeto em Análise de Discurso em torno da materialidade discursiva</i> .....	161
7 – Entrevista com <i>Paul Henry</i> : “ <i>Nunca conseguimos encontrar nosso lugar nessas instituições</i> ” .....	205
8 – Entrevista com <i>Michel Plon</i> : “ <i>A teoria fazia parte da luta de classes, ou melhor, não escapava da luta de classes</i> ” .....	245
9 – Entrevista com <i>Marie-Anne Paveau</i> : “ <i>É preciso repolitizar a Análise do Discurso recolocando-a numa perspectiva materialista</i> ” .....	275

## ANEXO

<i>Linguística e marxismo: Formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas</i> .....	307
--	-----

## *Apresentação do coletivo*

V Seminário de Estudos em Análise de Discurso (Sead), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), setembro de 2011. Espaço e tempo da apresentação pública de um encontro promissor entre os então (re)conhecidos Boinas: Helson Sobrinho, Maurício Beck, Rodrigo Fonseca e Phellipe Marcel. O quarteto já tinha posado para uma foto utilizando o acessório que passaria a identificá-lo como um grupo entre analistas de discurso. Do vestuário para a prática teórico-política, o quarteto ressignificava o gesto como uma tomada de posição de um coletivo, o Coletivo de Trabalho: Discurso e Transformação (Contradit).

Durante o evento, o quarteto estabeleceu alguns contatos com o intuito de sondar possíveis participantes dessa nova aposta na prática política, na reflexão e na produção teórica coletiva sobre a Análise de Discurso, com ênfase na retomada do desenvolvimento do materialismo histórico em seu interior. Luciana Nogueira foi logo reconhecida como uma interessada na proposta e veio quebrar a homogeneidade masculina do coletivo.

Após o evento, são iniciadas as discussões e novos membros são convidados para se juntar ao Contradit em conversas de

corredores nas universidades de cada participante, nas redes sociais e nos eventos posteriores. Entre saídas e (re)entradas, participaram da concepção, da produção ou da edição deste livro, com diferentes contribuições e intensidades, além dos nomes já citados: Guilherme Adorno, Luís Bulhões e Juliana da Silveira. Contamos ainda com contribuições pontuais de: Mariana Cestari, Renata Souza, Thiago Mattos, Glória França e Fábio Ramos Barbosa Filho.

Reiteramos aqui as diferentes contribuições e intensidades de participação nesse projeto que agora apresentamos ao público, porque não temos a pretensão de escamotear a heterogeneidade que constitui o coletivo. Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo são os estados pelos quais os participantes do *Contradit* já passaram e de onde participaram das reuniões virtuais, além da França, quando alguns membros fizeram o doutorado-sanduíche. O digital é, portanto, neste sentido, constitutivo do *Contradit*. Diferentes estágios da vida acadêmica, como doutorandos, pós-doutorandos, pesquisadores ou professores, configuram as distintas condições de produção do trabalho coletivo que ainda estamos aprendendo a construir. Uma heterogeneidade que nos desafia a escutar as diferenças dentro daquilo que nos aproxima.

E é a relação entre a produção do conhecimento e as práticas políticas que nos interpela na luta teórica para confrontar a eterna disputa entre posições idealistas e materialistas. Centrado na singularidade do materialismo histórico, inicialmente (re)trabalhado discursivamente por Michel Pêcheux, nosso coletivo também acompanha o autor quando busca a tomada de posição materialista em filosofia, o que implica uma relação específica com outras disciplinas como a linguística e a psicanálise.

Nossas intervenções tiveram uma circulação definida até agora: simpósios temáticos em eventos, artigos assinados por alguns membros, encontros virtuais, página de discussão do Facebook e reuniões presenciais. Este livro é o primeiro projeto assinado como coletivo com uma circulação não definida previamente. Continuamos apostando que os movimentos do político na relação linguagem-ideologia podem produzir encontros com outros sujeitos, outros coletivos, outras histórias. Um trabalho do discurso em transformação.



## Nota prévia

### *Discurso e contradições de um passado-presente-futuro: Ousar se revoltar, ousar pensar por si mesmo*

Um livro de entrevistas suscita muitas interpretações justamente porque se abre para diversos efeitos de sentidos, todos eles marcados pelas relações contraditórias entre Sujeito, Língua e História. Tentando antecipar possíveis sentidos de concordância e/ou de objeções, podemos dizer que, por um lado, este livro pode ser lido a partir de posições que remetem à reprodução de um discurso da colonização da práxis científica, já que muitos poderão dizer que, ao apontar para a França e selecionar alguns autores, estaríamos presos a uma tradição e, sobretudo, submetidos aos seus mecanismos de dominação. Por outro lado, poderia o livro ser interpretado como um “resgate” ou um “retorno”, em sua equivocidade, tendendo a reproduzir o efeito do estabilizado e/ou rompendo com esse efeito. Esta última possibilidade seria mais interessante se fosse levado em consideração que se pretende resgatar ou retornar a *algo* e, sobretudo, fazer avançar, pois o projeto do coletivo que aqui escreve visa à transformação da práxis científica, práxis que é também política.

Quando falamos de encontros estamos nos referindo também à dimensão dialética entre objetividade e subjetividade; estamos tratando dos dizeres e de suas condições determinadas de produção. Por isso, torna-se importante destacar que a Análise de Discurso se entrelaça em diferentes divisões e em espaços de disputa, ainda que negada na suposta noção de “diálogo” na chamada tradição de uma ciência, uma disciplina ou um campo de conhecimento institucionalizado, na universidade ou fora dela. Diante da amplitude e da complexidade dessa questão, gostaríamos de incidir em um percurso de escrita-leitura no jogo contraditório dessas duas possíveis interpretações que enunciamos acima: o *discurso da colonização* e o *discurso do resgate/retorno*, sem nos colocarmos fora desse jogo contraditório.

Como se poderá observar, este livro é constituído por conversas com autores que conheceram Michel Pêcheux e que, em muitos casos, cooperaram na forja da teoria materialista do discurso. As entrevistas aqui autorizadas à publicação são de Eni Orlandi, Roselis Maria Batista, Julieta Haidar, Francine Mazière, Régine Robin, Jacques Guilhaumou, Paul Henry, Michel Plon e Marie-Anne Paveau. Suas narrativas desvelam leituras sobre a análise de discurso e sobre Michel Pêcheux. Na medida em que se apresentam em seus textos, nossos convidados tecem críticas, lançam conjecturas, se arriscam nas retomadas da memória, tomam posição, refinam os dizeres, preenchem alguns sentidos que pareciam faltar e abrem inúmeras outras lacunas. Mais do que qualquer coisa, mostram a Análise de Discurso como uma obra em andamento, um empreendimento teórico-analítico de coragem e peso.

Assim, ao conversarmos com pessoas que participaram direta ou indiretamente da fundação, da problematização, da expansão e do desenvolvimento da Análise de Discurso, estamos insistindo na retomada de percursos, na aproximação da con-

cretude histórica da discursividade e seus (efeitos) sujeitos, na transformação da prática científica e política, ou seja, trata-se de *ousar se revoltar, ousar pensar por si mesmo*.

Expliquemos melhor: ao ler e reler as entrevistas aqui publicadas, o sujeito é instado a retomar os dizeres que se estabeleceram com força no texto de Denise Maldidier, publicado no Brasil como *A inquietação do discurso*, pois podemos imaginar as con(tro)vér(s)i as possíveis entre Michel Pêcheux, Paul Henry, Michel Plon, Régine Robin, a própria Denise Maldidier e tantos outros no que foi narrado como o embate com a psicologia social, as heranças da Rue d'Ulm e um efervescente momento político entre os declaradamente marxistas. E muitos outros personagens vão surgindo, descortinando uma rica história: Lacan, Althusser, Roudinesco, Foucault etc. Por essa razão, buscamos, em grande medida, com os textos que ora apresentamos neste livro, prolongar essas con(tro)vér(s)i as, sabedores de que as efervescências da nossa conjuntura são materialmente outras. Independentemente de estarmos movidos pelo desejo de preencher algumas lacunas ou motivados a abrir novas, como em tantas oportunidades de vida e de análise, tropeçamos com a incompletude e a contradição, enunciadas e experimentadas por Pêcheux.

Seria demasiado frustrante, ao início do livro, considerar apenas o nosso desejo tolo de buscar tais lacunas irremediavelmente perdidas. Mas a nossa experiência em torno desse projeto nos presenteia com uma compreensão que, se consequente, contradiz um certo modo de produção da ciência e a busca de sua fundação. Não é raro escutar em salas de aula, eventos e discussões entre acadêmicos a menção d'“A citação”, a passagem de um texto determinado como aquilo que permitiria mostrar que tal ou tal autor “pensou exatamente x” e que, por isso, poderíamos dar sequência a esse “pensamento”. Ou

então, ainda, que o “x” mostra a recusa do pensado “y” anteriormente em outra citação, outro texto. Uma hermenêutica contraditória com a teoria que habita o analista de discurso. É desse modo que, por exemplo, nos deparamos com citações de textos como *Papel da memória* afirmando que Pêcheux já pensava a imagem, ou então que Pêcheux estava ligado à semiologia, porque nesse texto ele fala de Barthes (!?). Poderíamos ainda citar passagens de *O discurso: Estrutura ou acontecimento* e dizer que Pêcheux abandonou o marxismo e rompeu com Althusser (!?). Temos ainda testemunhado práticas acadêmicas, e esta, em especial, é a que entra mais facilmente na linha de produção universitária-toyotista de artigos, capítulos de teses e de livros que tratam das famosas três fases da Análise de Discurso – estas seriam lidas com base em uma cronologia linear teórico-evolutiva que vai do “já superado” até uma atualidade sem recuos, sem dialética. Com efeito, geralmente, afirma-se que a última fase da Análise de Discurso é a mais desenvolvida, chegando a ser definida, em casos mais extremos, como a negação do que foi feito antes, muitas vezes apenas um fogo incinerador e não transformador (!?). Confundir retificação com abandono é não compreender uma posição materialista fundamental de que os confrontos com a materialidade exigem movimento na teoria, sem perder os princípios que regem a retificação, isto é, as teses materialistas.

Além disso, na materialização dos discursos e da produção de sentidos nos encontramos, ou melhor, nos confrontamos com o lugar das tradições de diferentes disciplinas, especificamente, de diferentes autores e os pontos em que podem ou não dialogar. “Se o trabalho cita Althusser, então não pode citar o jovem Marx”, “se você está em uma perspectiva pêcheuxtiana realmente, então você não pode falar em cognição”, “Foucault e Pêcheux podem trabalhar juntos sim, às vezes não”, “Deleuze

e Derrida têm muita contribuição a dar a Pêcheux”; “Pêcheux e Bakhtin/Volochínov são incompatíveis”; “Pêcheux e Lukács é algo da ordem do impossível”, e isso num relançar de sentidos. Instabilidades dos discursos, dinâmica dos sujeitos e contradições da história. Afirmativas e negativas que buscam preencher as lacunas de uma teoria alicerçada justamente em contradições, na abertura de sentidos de outras perspectivas. Não trabalhar (com) a contradição em Análise de Discurso é ficar fora da movimento dos sentidos. É deixar a teoria estagnar.

Procurando trabalhar e jogar com o imaginário projetado nas antecipações da interpretação dos leitores possíveis deste livro, falamos em *discurso da colonização* e *discurso do resgate/retorno* e dos nomes aqui citados, funcionando como o significante representativo de uma tradição. Mas nossa compreensão dessa problemática aponta que, enquanto se tenta defenestrar o psicologismo na análise do funcionamento do discurso, o sujeito-indivíduo uno e centrado se instala na sala de estar da vontade de verdade das teorias. Tais processos abrem a porta enquanto os nomes de autores de uma tradição servem o café. Por um lado, coincide-se a citação de um enunciado como sendo o próprio, o mais importante e o verdadeiro de um autor, apagando a complexa articulação dela com outras citações, outros textos. Apagando sua memória. Por outro, os textos e citações passam a ser classificados por boas, médias e más fases. O nome do autor, produzindo referência a um corpo que produz um efeito de coincidência dele com ele mesmo em todos os textos. Efeitos da discursividade de uma determinação histórica, ou seja, efeitos da relação contraditória entre língua, sujeito e história.

O conjunto de textos que trazemos apresenta uma ancoragem material para compreender os efeitos de uma história sempre contraditória e sempre incompleta, pois não se encerra e persiste em contradizer os dizeres sobre o *fim da história* e o *fim*

*das ideologias* que nas últimas décadas vêm sendo esgarçados e revertidos. O leitor atento compreenderá que o coletivo que assina este prefácio toma posição (auto)crítica diante dos discursos, dos sujeitos, da ideologia que perpassa práticas científicas e práticas políticas. Trata-se de uma tomada de posição pela teoria materialista do discurso, assumindo suas contradições constitutivas, pois visa à crítica da formação social capitalista e sua lógica reprodutora/destruidora de sujeitos e sentidos.

Resta dizer que, se a insistência na leitura e na investigação com Pêcheux pode ser interpretada como um discurso da colonização devido ao fato de o autor ocupar um espaço de totem teórico, essa interpretação é aberta ao equívoco: aqui serão mostrados diversos, inquietos, deslocados, chistosos, generosos Pêcheux, mas, mais do que isso, tenta-se desenvolver, de nosso lado, um outro legado que nenhum outro país que se apropriou da teoria desse autor levou em frente. Trata-se da construção de uma história perene e porosa da Análise de Discurso. Uma história em contínua construção, e que se preocupa com *acontecimentos*, mas também com *desaparecimentos*. Eminentemente, uma história que coloca os centros de pesquisa brasileiros de hoje como axiais na teorização e na investigação em Análise de Discurso.

Nesse cenário conturbado, este livro apresenta não relatos de uma história da Análise de Discurso, mas diferentes histórias que se cruzam, distanciam-se, dialogam, contradizem-se. Realizadas em condições distintas, seja face a face em um café parisiense, em uma sala de estar de um vilarejo francês ou em uma lanchonete na rodoviária de Campinas, seja ainda por *e-mail* ou telefone, essas heterogêneas interlocuções dão dimensão das formas de trabalho do coletivo que se formou sob o significante “Análise de Discurso francesa”. Diante das distintas condições, obtivemos distintas textualidades. Por vezes mais formal e tradicional, com perguntas e respostas lineares, outras vezes

mais lacunar e dialogal, com marcações de risos e pausas, cada texto produz um gesto de leitura sobre as múltiplas histórias da Análise de Discurso, sem perder de vista a descrição de quem está implicado nessas histórias. Não se trata de interpretações indefinidas, mas ancoradas materialmente na relação com o outro e o Outro, tendo o equívoco como horizonte constitutivo.

Por fim, registramos nossos sinceros agradecimentos aos entrevistados que se dispuseram a nos encontrar e cujos intensos encontros, às vezes desencontros, inspiraram o título deste livro. Entrevistas que foram realizadas em diferentes lugares, em datas distintas, de modos diversos, com interlocutores singulares. Entrevistas decorrentes desses encontros possíveis e impossíveis, nos diversos sentidos: pessoas, teoria, política, história. Os relatos que seguem, ou narrativas, são gestos de interpretação do vivido e podem contribuir para o entendimento do fazer ciência e política, e, sobretudo, para a compreensão das práticas de resistência-revolta-revolução, deixando margens para reabrir a história da Análise de Discurso e seus sentidos materiais e transformadores.

Contradit, junho de 2016



**ENTREVISTAS E  
DEPOIMENTOS**

